



Fidelidade e nova ascese

Abílio Pina Ribeiro, claretiano

A palavra ascese é hoje uma “palavra suspeita” ou mesmo absurda e incompreensível para grande número de cristãos – escreve Enzo Bianchi. Evoca espontaneamente outras palavras nada simpáticas nem modernas: sacrifício, renúncia, mortificação, penitência, jejum, recolhimento, abnegação, modéstia, cruz...

Parece que estas coisas passaram de moda, cheiram a mofo e a naftalina. Talvez porque noutros tempos se insistia demais no negativo. Costumava-se repetir: “O que conta é que vale” ou “o que mais custa mais mérito tem”. Hoje não estamos tão convencidos disso. O que conta é a caridade, o amor. Se eu não tiver caridade, ainda que me desfaça em mortificações e me prive de tudo em benefício dos pobres, não me serve para nada (cf. 1 Cor 13,3).

Ensinaram-nos que era mais santo suportar o calor do que apanhar a fresca, beber água em vez de cerveja, ler “A imitação de Cristo” em lugar dum romance. A teologia revelava pessimismo em relação ao corpo e às atividades “profanas”. O corpo era visto como fonte de pecado, inimigo do espírito. Era preciso castigá-lo, prendê-lo ao cepo do dever, negar-lhe toda a espécie de consolo.

Hoje passou-se a outro extremo. Parece que somos mais discípulos de Nietzsche do que de Jesus Cristo. Nietzsche chamava a Jesus um fraco, um pregador de submissões. Considerava os cristãos uma casta inferior de escravos, submetidos a uma moral de proibições e dores.

Antes dele, já o filósofo inglês David Hume fazia uma distinção curiosa entre o que ele chamava “virtudes autênticas” e as “virtudes monásticas” ou fradescas. As primeiras são úteis a nós mesmos e aos outros, como é, por exemplo, o caso da ambição, da iniciativa ou da criatividade. As outras – a humildade, a mortificação, a modéstia – não valem para nada: não contribuem para a nossa qualidade de vida nem para o bem-estar da sociedade. São inautênticas, desprezíveis, falsas.

Somos também discípulos de Freud. Vivemos na sociedade do prazer e do consumo, rendemos culto ao deus do comodismo e do conforto. Falar de ascese, de renúncia, de contrariar a natureza, é tão absurdo como, no tempo de São Paulo, falar da “loucura da cruz” (1 Cor 1,18).

Dizia um padre americano: “Antes, o Religioso tinha no seu quarto um genuflexório. Agora tem um aparelho de ginástica. Trocamos facilmente o livro de espiritualidade pelo jornal desportivo, o sacrário pelo televisor, o sofá pelo banco da capela, o apostolado por sopas e descanso”.

Quer isto dizer que a ascese já não tem cabimento nem sentido?

Se tem, como praticá-la?

1. A ascese: realidade sempre necessária e atual

Não podemos esquecer que o homem e a mulher de hoje são inclinados para o mal como o eram os homens e as mulheres de outras eras. A natureza decaída opõe resistência à graça. Num tempo em que os valores do Reino de Deus parecem cada vez mais invisíveis, mais longínquos, devido à pressão do mundo consumista e sedutor, temos de admitir que não há “graça barata” – na expressão de Bonhoeffer –, nem “felicidade *low cost*”. Há quem defina os consagrados como “uns crucificados entre Deus e o mundo”.

“A cidade secular está cheia de demónios que precisam de exorcismo” – declarava Harvey Cox. Se pactuarmos com as propostas da sociedade egoísta, não exorcizamos nada. O mundo precisa, mais do que nunca, da “contradição da consagração religiosa” – dizia João Paulo II.

Morte e Vida, Cruz e Ressurreição, são os dois polos de toda a existência cristã. Renúncia total para se chegar a um amor total. “Quem quiser seguir-me negue-se a si mesmo, pegue na sua cruz e siga-me” (Mc 8,34; Mt 10,38; Lc 9,24).

Estas verdades não custa admiti-las teoricamente. Passá-las à prática é mais complicado. O ambiente em que vivemos desvaloriza a mortificação, a ascese. Tendemos a desculpar-nos com a dureza da vida moderna, a resistência menor das pessoas de hoje, o peso da missão. E buscamos compensações, somos mais exigentes, queremos mais comodidades.

Morte e vida, cruz e ressurreição estiveram presentes na história de Nosso Senhor Jesus Cristo e na de todos os cristãos dignos desse nome. As vidas dos Santos – essas vidas cheias e belas – ajudam-nos a compreender o valor, o encanto e a autenticidade daquilo a que chamamos ascese.

Em Jesus, o conceito de abnegação não anda unido ao de natureza decaída. Em nós, sim. Temos de mortificar, dar morte às tendências desordenadas. A humildade é a morte da soberba, a caridade a morte do egoísmo. Fala-se de “caridade crucificada”. Ninguém pode amar limpidamente, se o seu amor não estiver marcado pela cruz, se não beber na fonte do Calvário.

Fixemos bem isto: a cruz não entra na espiritualidade cristã em virtude de raciocínios; o cristianismo não é uma ideologia, uma doutrina. É uma vida, uma pessoa: Jesus Cristo. Sem identificação com Ele, não somos cristãos nem somos nada. Só mergulhando na abnegação de Cristo é que perdemos o nosso “eu” egoísta para podermos afirmar como Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20).

A palavra ascese (*askésis*) não significa propriamente sacrifício, renúncia, privação; significa exercício, treino. Asceta era aquele que exercia uma arte, uma profissão. Ascetas por excelência eram os ginastas, os lutadores. O asceta era o dono de si mesmo até ao ponto de dominar as paixões, de controlar a dor. Ele sofre, exercita-se em Cristo.

Notem agora uma contradição curiosa: à primeira vista, as pessoas de hoje não querem saber de ascese, disciplina, renúncia, regras escritas (no papel ou na consciência). No entanto, os atletas, os bailarinos, os modelos, os naturistas sujeitam o corpo a uma disciplina terrível, enfrentam sacrifícios tremendos, dietas rigorosas, ginástica duríssima, dolorosas cirurgias plásticas.

Esta contradição é fruto do ar que se respira. Por um lado, cada um quer fazer o que lhe apetece. Aceitam-se todas as ofertas da sociedade de consumo (‘sujidade de consumo’, no dizer de alguns). Somos alérgicos a horários, normas.

Por outro lado, vergamo-nos, e de que maneira, aos gostos impostos pelas novas tecnologias, pela televisão, pela internet, pelas modas. A obediência, negada como virtude, reaparece como doença: reivindica-se a autonomia e cai-se no conformismo. É como dizem os ingleses: “quem não obedece à mãe obedece à madrasta”. Não se obedece a Deus nem aos pais, mas tornamo-nos escravos das modas, de slogans.

Em tempos que já lá vão, as pessoas mortificavam-se por *desprezarem* o corpo. Hoje mortificam-se por *idolatrarem* o corpo. Antes aceitava-se o sacrifício e a renúncia em função do amor a Deus e ao próximo. Agora as pessoas sacrificam-se, renunciam, em função da própria imagem, do próprio gosto.

A ascese, a disciplina, a renúncia, libertam-nos de quanto nos desvia, nos impede de termos em nós os sentimentos de Cristo, a hegemonia de Cristo. Damos morte aos nossos desejos errados para termos nova vida, novas energias, novas atrações e desejos. A disciplina é, verdadeiramente, a arte do discípulo.

“Sob o ponto de vista humano, a ascese é necessária para que alguém dê o máximo de si mesmo: demonstra-o, por exemplo, a prática desportiva, que submete o atleta a uma série de exercícios que lhe permitem potenciar a habilidade, a competência, estar em forma.

Sob o ponto de vista cristão, a ascese é necessária porque a vida é marcada pelo pecado, a parcialidade, o limite. Trata-se de libertar a própria vida da inautenticidade, da escravidão dos instintos e dos impulsos momentâneos, fim de ter a consciência disposta a lutar contra o pecado e dilatar os espaços do coração e da vida em ordem à caridade e ao dom de si mesmo”¹.

A esta luz se devem entender as expressões violentas do Evangelho: “Se o teu olho for para ti ocasião de pecado, arranca-o; se a tua mão for origem de pecado, corta-a” (cf. Mt 5, 29-30). Este passo do Evangelho faz-me recordar um episódio que se passou em abril de 2003. Aron Ralston, alpinista de 27 anos, ficou preso debaixo duma rocha quando escalava uma montanha do Utah, nos Estados Unidos. Sobreviveu com rações de combate durante cinco dias e, não vendo ninguém que o pudesse salvar, pegou na sua faca de alpinista e cortou o seu braço direito. Ficou sem o braço, mas salvou a vida. Casou-se e ainda vive.

A abnegação evangélica não é exaltação do sofrimento, repressão do corpo, desvalorização do temporal e terreno; nem se reduz a certo tipo de práticas ascéticas. A abnegação evangélica entende-se em função do Reino de amor, de justiça, de paz e solidariedade que Jesus inaugurou. O “negar-se a si mesmo” do Evangelho equivale a “amar-se a si mesmo” dizendo “não” ao nosso eu falso, egocêntrico, isolado para termos um eu autêntico, completo, aberto aos outros e Deus.

Por isso a Bíblia nunca faz a apologia da penitência, mas também não a desconsidera. E os mestres espirituais sempre apontaram dois extremos a serem evitados: o laxismo comodista e o rigorismo. A ascese não faz ninguém santo, mas os Santos fazem ascese.

A ascese tem de ser inteligente e humanizante. Ajudar a pessoa humana a fazer da sua vida uma obra de arte. “Talvez não seja por acaso que *askein* também seja utilizado na literatura grega antiga para indicar o trabalho artístico. É este, afinal, o objetivo da ascese, colocar a vida do cristão sob o sinal da beleza que, no Cristianismo, é outro nome da Santidade” (Enzo Bianchi).

2. A nova ascese

Já vimos como era a ascese do passado: mortificação, sacrifício, renúncia, silêncio, jejum, abstinência, modéstia, penitência...

Hoje não vamos tanto por aí. Não temos uma visão tão negativa: já não se escrevem livros “sobre o desprezo do mundo”; já não vemos o corpo como a forja do pecado, o cárcere da alma ou, simplesmente, a mula que transporta a alma para a eternidade e que é preciso vergastar para que não saia do bom caminho e ande ligeira.

¹ PAOLA BIGNARDI, *Ascesi*, in “Consecrazione e Servizio” 10/2012, p.12.

Hoje em dia sentimos a necessidade de focar principalmente a solidariedade e a abertura ao próximo; pomos o acento mais na caridade e na justiça do que na temperança. Contava um religioso que a sua penitência quaresmal consistia em trazer durante o dia inteiro uma pedrinha no sapato, o que o fazia andar de mau-humor e embirrar com os outros. Nada de “viver uma Quaresma sem Páscoa” (EG 6).

Somos convidados a passar (Páscoa é isso: *pesach*, passagem) de uma maneira de agir a outra. “Dar o passo do que nos agrada àquilo que agrada a Deus” (PI 15) – é a nossa vivência, o nosso itinerário do mistério pascal.

Passar do silêncio à comunicação, diálogo, partilha

Outrora insistia-se muito no silêncio: o “grande silêncio” (desde as Completas até depois do pequeno almoço), lugares e tempos de silêncio, silêncio ainda mais rigoroso nos dias de Retiro. As pessoas confessavam-se de “faltar ao silêncio”.

Hoje salienta-se mais o valor do diálogo, da comunicação, da partilha da fé e do amor, da corresponsabilidade, do trabalho em equipa.

Quer isto dizer que a ascética do silêncio acabou, já não interessa? De maneira nenhuma. Sem silêncio, como pode haver ambiente para orar, refletir, discernir, estudar? Mas, simultaneamente, há que dirigir o foco para a ascética da comunicação e do diálogo.

Acho que fomos educados mais para guardar silêncio do que para falar. E temos nas comunidades pessoas trombudas, que não falam, não partilham, não interagem, não conversam.

Não é motivo para alarme que alguém falte às Laudes ou às Vésperas, se alguma circunstância forte o impedir. Já é mais alarmante, porém, que duas pessoas estejam sentadas à mesma mesa ou numa reunião comunitária e nada tenham para dizer ou participar.

A ascese do silêncio e a ascese do diálogo. Tomar a palavra numa reunião pode custar mais do que estar ali quedo e mudo, como um peso morto ou como um simples mirone. Participar ativamente na elaboração dum projeto comunitário, na resposta a um questionário, numa “*lectio divina*”, requer por vezes mais esforço, mais sacrifício, do que ouvir passivamente os demais, talvez até criticando por dentro o que eles dizem, sem se empenhar praticamente nada, sem apresentar uma ideia, uma proposta.

Passar da solidão individualista à solidariedade, companhia

Antes, insistia-se muito na solidão, na capacidade de estar só. A vida no Espírito era chamada “vida interior”, assunto privado. Parecia que as moções e luzes do Espírito Santo, se fossem partilhadas, corriam o risco de se evaporar. Repetia-se a frase beata: é preciso “guardar o segredo do Rei”. O religioso não manifestava os seus sentimentos, procurava abafá-los, escondê-los, engolir as lágrimas. Os outros não precisam de saber o que eu sinto, o que eu sofro, o que vai na minha família, no meu trabalho. Separava-se a vida espiritual, entendida como vida de oração, e a vida real, quotidiana, com todas as suas dimensões, afetiva, laboral, etc.

Hoje rejeitamos esta solidão de decisões e de projetos. Entendemos a fraternidade como o resultado do intercâmbio e da partilha de dons, qualidades, iniciativas. Um caminho a percorrer com os outros, discernindo juntos, trabalhando em equipa.

Numa venerável Ordem religiosa vigorava o princípio “companheiros, todos; amigos, poucos; íntimos, nenhum”. Temos medo dos afetos. Sabemos, no entanto, que não convém reprimi-los. Quem se move num hospital, numa escola, num lar de idosos, numa paróquia, se não sentir e mostrar o seu afeto às pessoas, que está ali a fazer? O seu trabalho torna-se um frete, um fardo. E pouco se consegue. Até se costuma dizer que o afetivo é o efetivo.

Manifestar as próprias satisfações e alegrias, falar das próprias crises e dramas, é terapêutico, saudável.

Será ascese praticar a solidão, mas não será menos ascese cultivar as relações interpessoais, a interajuda, a “obediência mútua”.

Passar do eu ao nós

Noutros tempos entendia-se a ascese e a disciplina como instrumento de perfeição pessoal. Hoje importa destacar a dimensão comunitária. Passar “do eu solitário ao nós comunitário” (título dum livro de Frei Fernando Ventura, capuchinho”, do “*atende tibi*” (olha para ti e deixa os outros) ao “*attende aliis*” (cuida os outros, cresce com eles, partilha a vida e a missão; do individualismo à fraternidade – como tanto insiste o Papa na encíclica *Fratelli Tutti*.

Passar da mortificação do corpo à mortificação do espírito

Outrora insistia-se muito na mortificação corporal. Faziam-se carradas de sacrifícios, jejuns intermináveis, havia objetos de penitência, cilícios, disciplinas.

Mais importante que o *jejum de alimentos* é o *jejum da língua* (evitar a murmuração, a coscuvilhice que “mata mais que a Covid, segundo o Papa) e o *jejum de imagens* (televisão, internet, vídeo). “Jejuar significa libertar a nossa existência de tudo o que estorva, mesmo da

saturação de informações – verdadeiras ou falas – e de produtos de consumo” – declara o Papa Francisco na Mensagem para a Quaresma de 2021. Era referindo-se a coisas semelhantes a estas que já Clemente de Alexandria usava a expressão “jejuar do mundo”. Jejuar de notícias vãs e de imagens mundanas para dar lugar às “notícias eternas”. Jejuar de coisas supérfluas e de outras que impedem a relação com Deus e o próximo: a inveja, a intolerância, o ressentimento...

O jejum corporal continua a ter o seu espaço. No entanto, o magistério da Igreja, o direito canónico, as constituições dos nossos institutos vão-nos dizendo uma coisa: mais saudável que privar-se de alimentos é privar-se de condenar outros, de julgar, de segregar, de exigir “de que serve a uma pessoa não comer carne, se depois devora o seu irmão?” – perguntava São João Crisóstomo. Fazer jejum de pensamentos doentios, de palavras ofensivas, de ressentimentos e rancores, de pessimismos estéreis, de queixas egoístas... abster-se de buscar compensações insignificantes – isso é o mais importante. Fazer guerra ao consumismo, à tentação de possuir e dominar os outros, praticar a “ascese do consumo e do conforto” (Carlos Rahner) – eis o mais louvável jejum.

Mais do que insistir na ascese corporal temos, pois, de focar a ascese do espírito, substituir os cilícios e os jejuns pelo esforço em combater o mau feitio, a instalação, o comodismo, a preguiça intelectual, a globalização da superficialidade, a teimosia, o apego a posições fechadas...

Há que aceitar, sobretudo, a dimensão ascética da vida comunitária. A esta luz se entende a frase de São João Berchmans: “A minha maior penitência é a vida comum”. Efetivamente, está longe de ser um mar de rosas.

A mortificação continua a ter o seu lugar, mas há mais penitências para além das corporais.

Passar da pureza fria à “ternura eucarística”

Quando entrei para o seminário aprendi logo uma regra essencial: “Não tocar nem por brincadeira”. Tocar um colega era como ficar impuro, no tempo de Jesus. Qualquer contato afetuoso considerava-se inadequado, suspeito. Não se chamava à castidade a “virtude angélica”? Os anjos não têm corpo.

Ora, Jesus tocava um cego, um surdo, um leproso, uma menina morta, a sogra de Pedro, e deixava-se tocar pela mulher que perdia sangue ou pela pecadora que lhe ungia os pés e lhe enxugava com os seus cabelos. Jesus ressuscitado deixou-se reconhecer pelo tato. São Francisco tocou, beijou o leproso: e esse foi o ponto de viragem, o seu “kairós”, a sua conversão. O Papa Francisco manda-nos “tocar a carne de Cristo nos pobres”. Tocar é o que a Igreja faz nos Sacramentos. A graça, o amor, têm de ser tangíveis, palpáveis, materializados em gestos e atitudes.

Há pessoas que ninguém toca. Roçar uma pele jovem, fresca, sedosa, é agradável. Tocar um doente, um idoso, por vezes custa. Sabemos, no entanto, que tocar um moribundo, pegar-lhe na mão, pode ser a única maneira de lhe dizermos: “Estou aqui, amo-te”.

Na parábola do Bom Samaritano, o levita e o sacerdote, para conservarem a pureza legal, passaram ao lado do homem ferido sem lhe tocar.

Somos instrumentos da misericórdia de Deus. A vida consagrada “é um sinal da ternura de Deus para com os seres humanos” (VC 57). “Não tenhais medo da bondade nem da ternura” – recomenda Francisco. E manda-nos praticar a “ternura eucarística”. Na Eucaristia Jesus toca-nos, dá-nos o seu corpo e sangue.

Passar da ascese dos olhos fechados para a ascese dos olhos abertos

Antes, por modéstia, uma pessoa caminhava de cabeça inclinada e os olhos na terra: “terço na mão, olhos no chão e Deus no coração”. Um religioso foi muito elogiado porque andava nas ruas de Barcelona com os olhos sempre baixos. Um bispo declarou ter crismado milhares de mulheres, mas nunca olhou para a cara de nenhuma delas. O mundo exterior tinha pouco a dizer-nos; só podia distrair, dissipar o nosso espírito.

Agora a espiritualidade propõe-nos andar de *olhos bem abertos*. Abertos à realidade concreta que nos rodeia. Atentos à vida, às pessoas, aos problemas, ao choro dos pobres (cf. GS 1).

Tende-se a substituir a ascese dos olhos fechados pela dos olhos abertos. É estranho e lamentável que um religioso viva muitos anos numa comunidade e nem sequer conheça os vizinhos, ignore se perto do seu casarão há fome, doentes acamados, idosos solitários, luto. Onde está a Igreja “perita em humanidade”, especialista em proximidade e misericórdia, versada no acompanhamento das famílias, batida no compromisso ativo? Segundo o Papa Francisco, as Irmãs que trabalham em lares, hospitais, escolas devem ser “doutoras em humanidade”. E todos nós doutores, não *honoris causa*, mas sim *amoris causa*.

Esta atitude tem o seu preço, exige renúncia e espírito de sacrifício. É a nova ascese. Estar ao quentinho da lareira com as persianas fechadas é mais agradável e cómodo do que informar-se da fome e do frio que vão lá por fora ou sair de casa para levar um cobertor e uma sopa aos sem-abrigo ou manifestar-se contra o desemprego.

Contudo, a ascese dos olhos abertos não dispensa a dos olhos fechados. Nem tudo se pode ver nem tudo se pode ouvir. O homem e a mulher de hoje, de tanto olhar, acabam por não verem nada; de tanto ouvir acabam por nada escutar.

Passar da inquietação para a alegria da vocação

Dizem que a vida consagrada passou de “estado de perfeição” a “estado de inquietação”. Agora há que passar a um estado de contínua renovação e continuada alegria.

O facto é que talvez andemos demasiado tristonhos, encolhidos, amarfanhados como guarda-chuvas sem varetas. Uns, porque deixaram apagar aquele primeiro fogo que neles acendeu Jesus. Outros porque, na consideração social, já não vamos em primeira classe, mas no vagão da retaguarda, ocupando os assentos da indiferença. A maioria, porque somos poucos, velhos, enferrujados. Enfim, há muita vida consagrada aborrecida, sem mística, sem alegria; muito consagrado do qual se poderá dizer que “morrerá casto, pobre, obediente, mas não mártir”, testemunha da Páscoa de Cristo.

A nova ascese passa por reavivarmos o encanto, o brio, o orgulho, o entusiasmo, o fervor, a autoestima vocacional. É preciso que as pessoas nos vejam luminosos, autênticos, felizes, capazes de proclamar como Paulo: “Sei de quem me fiei” (2 Tim 1, 12). Jesus, tem-nos gravados no seu disco rígido de amor.